

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS, NA COOPERATIVA MISTA
DE JUTICULTORES DE PARINTINS: DOS REGISTROS
FOTOGRAFICOS NOS ANOS DE 1970 a 1980 AOS DEPOIMENTOS
DESSA RELAÇÃO**

Jaciara dos Santos da Silva¹

Mary Tânia dos Santos Carvalho²

RESUMO:

Neste trabalho utilizamos a fotografia como fonte documental para o desenvolvimento do tema, com o objetivo de trazer para a atualidade memórias de homens, mulheres e crianças nos anos de 1970 a 1980 durante o intenso trabalho com a fibra de juta, na Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins COOPJUTA³. Diante dessa questão, em nosso caminho metodológico, utilizamos como fonte de pesquisa a análise de fotografias e depoimentos daqueles colaboradores da cooperativa, além da história oral, que visa dialogar com as mesmas por meio da análise documental, onde a partir delas, pode-se contar através de fragmentos captados pela câmera fotográfica e de depoimentos orais, as relações de homens, mulheres e crianças naquela Cooperativa em Parintins/Amazonas/Brasil. Nossos resultados elucidam a importância do trabalho desses associados para a cooperativa, assim como, o valor da cooperativa para desenvolvimento econômico do município de Parintins à época.

Palavras-Chaves: fotografias, associados, memória, cooperativa.

¹Graduanda do curso de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP/UEA. historiauea@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática REAMEC/UFMT- Polo UEA. Professora do curso de História do Centro de estudos Superiores de Parintins CESP/UEA. Marytania-sc@hotmail.com

³ Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins (COOPJUTA).

INTRODUÇÃO:

O reconhecimento da nossa identidade atual é somente o reflexo do que fomos no passado: Imagens, objetos, valores e entre outras ações cotidianas reforça o reconhecimento dessa identidade, como também o reconhecimento de uma cultura através da memória, seja ela coletiva ou individual. Assim, neste trabalho apresentamos o resultado de nossa pesquisa que buscou reconhecer as tarefas desenvolvidas por trabalhadores da Cooperativa Mista de Juticultores no período áureo da juta na cidade de Parintins. A qual intitulamos: “Homens, Mulheres e Crianças, na Cooperativa Mista de Juticultores de Parintins (COOPJUTA): dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação” nos dias atuais.

Nossa problematização se insere no contexto dos anos de 70 e 80, essa década foi um período marcado por um intenso fluxo migratório de famílias oriundas das regiões circunvizinhas ao Município de Parintins Estado do Amazonas. Nesse processo de deslocamentos, mulheres e homens se associaram na Cooperativa de Juticultores com esperanças de um futuro assegurado em consequência à nova fonte de renda. Frente a tudo isso, relações foram se estabelecendo em decorrência do plantio, colheita da juta e venda dessa fibra. Mas para este trabalho, particularizamos nosso foco de abordagem nas relações que estabeleceram em decorrência do trabalho com a fibra da juta no seio daquela Cooperativa Mista.

Desta forma, buscamos encontrar em documentos e depoimentos, fragmentos que expressassem modos dessas relações, tanto no âmbito social, econômico e afetivo. Visto que, dentro daquele espaço esses sujeitos se tornaram responsáveis pelo surgimento de uma cultura no município de Parintins. Utilizamos ainda como fonte primária, fotografias do acervo documental da COOPJUTA. Para tanto, dividimos a pesquisa em duas etapas: a primeira teve por finalidade dialogar com fotografias e documentos e a segunda com as histórias contadas por pessoas envolvidas naquele processo por meio da história oral.

Propusemo-nos no referido trabalho elucidar a importância daquele trabalho para os cooperados, para a cooperativa e, para o desenvolvimento do município de Parintins, como forma de reconhecimento da juta como parte da cultura do município a época. De modo que, nosso percurso metodológico se constitui nos pilares da Consciência histórica que cada ser humano trás consigo. Pois, Rüsen (2010), diz que a Consciência histórica, estar ligada diretamente ao seu passado, mas não quer dizer que a consciência

histórica seja memória, da mesma forma como o termo usado para “tempo”, não quer dizer passado. Logo, a consciência histórica não se resume ao passado e a memória, mais projeta visões para o futuro. Passado, presente e futuro sempre estarão interligados na consciência histórica de cada sujeito, podendo ser coletiva ou individual.

A apropriação do dizer do autor é para reafirmar que, a fotografia nos possibilitou viajar no tempo através de um simples olhar. E por meio dela trazemos os fios da história daqueles Homens, Mulheres e Crianças na COOPJUTA. O exercício de relembrar nos traz sensações múltiplas e indescritíveis como bem cita Mauad (1996), ela é tão somente uma marca do passado que hoje passa a ser memória de quem vivenciou.

As fotografias guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu. Um dia já foram memória presente, próxima aqueles que a possuíam, guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença, num novo lugar, num outro contexto e com uma função diferente (MAUAD, 1996, p, 10).

Nesse sentido dado pela autora a fotografia passa a ser materialização de um ato causado por um ser mediante uma câmera, assim também como pode ser uma mensagem visual ou simplesmente uma leitura do passado. Porém, num novo lugar e olhar, pois é como uma mensagem visual que passa a ser analisada com linguagem ou expressão contextualizada, Dias (2012), afirma que.

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e de comunicação. Quer ela seja expressiva ou comunicativa, podemos admitir que uma imagem constitui sempre uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro é o próprio autor da mensagem. (DIAS, 2012 p, 08).

Dessa forma para realizar um diálogo seguro com as fontes, adotamos a fotografia como uma fonte documental primária nesse contexto metodológico, pois os fragmentos captados pela câmera fotográfica foram “instrumentos de comunicação.”

Pautamo-nos também, no método da pesquisa documental, o qual para Gomes (2007), não se trata apenas de uma técnica ou procedimento de coleta de dados, mas sim um método de pesquisa que utilizamos a técnica de análise de conteúdo para obter resultados positivos, pois, para Bravo (1991), e Trivinões (1987), a análise de conteúdo é a técnica mais elaborada e de maior prestígio no campo da observação documental e

constitui-se como meio para estudar as comunicações entre os homens enfatizando o conteúdo das mensagens por eles emitidas.

Compartilhamos ainda com Franco (2003), a afirmação que a fotografia é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem que pode ser verbal, gestual, silenciosa, figurativa ou documental. Por permitir um diálogo qualitativo com a fonte principal da pesquisa, as fotografias. Estas possuem um elo que liga passado e presente em um só instante, garantindo que os momentos vividos não sejam esquecidos com o tempo, reavivando esses fatos na memória das pessoas.

Mas uma fotografia não fala por si própria, daí a necessidade de aliar com a história oral. “A História Oral não tem um sujeito unificado: é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pelo narrador”. (PORTELLI, 1977, p, 39). Portanto, atrelar a mesma ao estudo de fotografias torna-se essencial, visto que questionar a fotografia a partir de falas contadas por quem vivenciou além de nos possibilita melhor compreensão, nos permite reescrever a história com mais riqueza de detalhes.

Para tanto, propomos o seguinte objetivo geral: Analisar os registros fotográficos, documentais e depoimentos de como o cultivo da juta constitui uma relação social e afetiva entre seus cooperados, e como o acervo de fontes primárias da Cooperativa contribui para o ensino de história local. E para melhor estruturar tanto o trabalho de campo como o artigo definimos os seguintes objetivos específicos: Investigar o manuseio da juta na cooperativa mista dos jaticultores de Parintins para compreendemos como se dava a relação dos homens, mulheres e crianças nesse processo tendo como referencial as fotografias da época; Descrever os benefícios que a cooperativa oferecia para seus cooperados; Analisar os eventos comemorativos ocorridos na cooperativa e se estes se limitavam apenas ao sucesso da safra da juta conforme evidenciam as fotografias.

Por fim, nossos resultados provem de diálogos com alguns participantes da cooperativa, analisados sob o viés da abordagem da Consciência histórica de homens, mulheres e crianças que trabalharam na Cooperativa Mista de Julticultores de Parintins, e como tal, elucidam como se deu a formação e a participação dos cooperados diante da mesma, contam ainda, da criação da mesma e contribuição desta para com seus cooperados e com o município de Parintins visto que, a mesma criou subsídios para fortalecer a economia do município nos anos de 1970 e 80.

1. O acervo de fotografias da COOPJUTA como fonte documental para o Ensino de História

Ao adentrar na Cooperativa Mista dos Jucicultores de Parintins e ter acesso ao acervo fotográfico da mesma. Nos reporta uma singela viagem ao passado, começando pelo próprio prédio rústico das décadas de 60 e 70 e alguns objetos desse momento, como máquina de datilografar, aparelho de telefone, cadeiras, mesas, computador e máquinas usadas na produção da fibra de juta. As fontes ali encontradas contam frações da história do nosso município e de famílias que se dedicaram ao período marcado economicamente pela fibra da juta. Como bem a imagem a seguir representa os rostos da juta durante o século XX, no município de Parintins, a partir desta imagem podemos fazer uma leitura desse contexto da época no qual durante esse período elucidado no tema o município passava por um período de crise no setor econômico e de desenvolvimento da cidade, pois, o trabalho com a fibra da juta atraiu muitas famílias a migrarem dos seus interiores ou de cidade vizinhas para a cidade de Parintins, com isso ocorreu um desacelerado crescimento populacional precário, acarretando consigo problemas na educação, saúde e subsistência desses indivíduos.



Foto: 1

Arcevo digital: COOPJUTA

Dessa forma a partir desta imagem podemos também descrever sobre a educação destas crianças inseridas nesse contexto, no qual durante esse período muitas destas acompanhavam suas mães no trabalho como forma de ajudar elas no serviço e também por não ter escolas para estas.

Como também a partir desta imagem podemos desenvolver uma análise sobre os ambientes de trabalhos dentro e fora da cooperativa e também associar todos esses fatos ao estudo de história rico em detalhes a ser discutido.

Por se tratar de um produto frágil e sensível e de uma fonte rica para o historiador, a fotografia necessita ser armazenada em locais apropriados sem umidade e exposição a poeiras para evitar perdas no material. Dessa forma, recomenda-se que sejam armazenadas em álbuns ou quadros específicos. As fotografias utilizadas para a elaboração desse trabalho são do acervo da Cooperativa e foram disponibilizadas mediante oficialização institucional CESP/UEA/COOPJUTA.

Porém algumas fotos encontram-se parcialmente deterioradas, com dificuldades de compreensão visual decorrente ao seu mau armazenamento em caixas de sapatos, outras em álbuns antigos com pouco espaço para as mesmas ou em envelopes danificados pelo tempo.

As fotografias escolhidas para compor nosso trabalho foram selecionadas dentre muitas. Levando em conta as que trazem consigo a história deste município, dessa forma podemos situar essa pesquisa ao Ensino de História Local, pois aquelas fotos elucidam muito do desenvolvimento econômico e social de muitas famílias do município de Parintins, mostram aspectos do trabalho no interior daquela Cooperativa, e grupos de pessoas em momentos de trabalho.

Conforme a historiadora Ana Maria Mauad (1996), desde sua criação a fotografia contribui positivamente em muitos setores que a agregaram como instrumento de estudos detalhados, como na medicina, no jornalismo e até mesmo no setor de segurança, ela foi adotada como requisito para comprovar a existência de pessoas nos documentos de identificação ou mesmo nos álbuns de família.

“A história da fotografia é longa, mas é no século XIX que ela vai tomar o seu lugar nesse mundo das imagens, ao qual vem alterar de forma radical no contexto da Revolução Industrial ou Revolução Técnico-Científica”. (MONTEIRO, 2012, p, 11). Esses sucessivos avanços da fotografia foram se aprimorando as técnicas a partir de cada experiência dos cientistas. Vale ressaltar que, em sua origem era negada como arte, e atualmente continua sendo negada por muitos historiadores, pois para estes, suas

características tratam apenas de cópias da realidade, causando um impasse entre os mesmos. Nesse contexto, Mauad (1966) ressalta que.

A história da fotografia confunde-se com as diferentes abordagens que, em diversos momentos do pensamento ocidental, aplicou-se a imagem fotográfica. A idéia que o que está impresso na fotografia é realidade pura e simples já foi criticada por diferentes campos do conhecimento, desde a teoria da percepção até a semiologia pós-estruturalista. (MAUAD, 1966, p, 3).

Ao comentar estas nuances Monteiro (2012), diz que a fotografia respondeu às demandas econômico-industriais e estéticas (realismo) da sociedade européia da segunda metade do século XIX, que lhe confere o estatuto de atestação, de duplo do real e do documento. Vale considera que, o uso de imagens e suas representações estão cada vez mais contribuindo para a realização de novos trabalhos, assim como novos questionamentos estão sendo levantados sobre sua veracidade, pois não se sabe até que ponto a fotografia pode ser confiável. Por outro lado, Bittencourt (2008), afirma que:

Para os historiadores, é fundamental selecionar fotografias, e elas precisam ser datadas e reproduzir cenas e personagens que possam ser reconhecidos, para que se transformem em fonte histórica confiável e tragam informações que possam ser articuladas a outras fontes (BITTENCOURT, 2008, p, 368).

As orientações de Bittencourt (2008) são fundamentais para as situações de ensino, particularmente de história. Por outro lado, consideramos que sempre haverá divergências entre os historiadores, pois esse ainda é o motivo de muitos considerarem a fotografia apenas como uma simples ilustração e não como uma fonte histórica.

Divergente desse posicionamento, Kossoy (2001), diz que cada imagem contém seus significados e objetivos, porém estas podem representar mais do que queiram demonstrar. Para este pesquisador são vários os fatores a serem levados em conta quando se fala em estudo de fotografia como, por exemplo, iluminação, localidade, temporalidade, objeto, fotógrafo, tecnologia e o seu objetivo. Resumindo todos esses fatores em apenas três elementos constitutivos, destacamos os principais para a materialização da fotografia como objeto ou produto final de uma pesquisa. “Três elementos são essenciais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia” (KOSSOY, 2001, p, 37).

A partir dessa afirmação de Kossoy (2001), podemos concluir que cada um desses elementos possui suas particularidades. De modo que fotografia é uma fonte

histórica que exige do historiador um olhar mais crítico e sensível, uma leitura detalhada e por alguns momentos complexa, ela é o testemunho de uma realidade vivida. Ela pode ser ao mesmo tempo uma imagem/documento, dando suporte de que pessoas, hábitos ou objetos fizeram parte de uma história no passado, quanto uma imagem/monumento, simbolizando algo que para a sociedade teve extrema importância, dependendo de sua finalidade e da leitura do historiador. Nesse caso, “O documento é monumento. Resultando do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntária – determinada imagem de si próprias” (LEE GOFF, 1990, p, 472).

Conciliamos ainda nesta abordagem o dizer de Delgado (2003), para ela, a fotografia desperta na memória lembranças, emoções, dependendo de sua importância, o hábito de recordar faz da fotografia um objeto essencial no cotidiano do ser humano, a memória é a condutora de temporalidades do sujeito, sua importância não se restringe apenas ao ato de relembrar. É com ela que o historiador irá dialogar para buscar respostas sobre o quanto a mesma pode ser real e quanto pode ser ficção, questionamentos estes que vão se cruzar com outras fontes, registros e informações que podem variar tanto quanto sua datação, quanto para quem a mesma foi direcionada, o local, e em que circunstâncias, pois as mesmas podem oferecer novos sentidos a partir de leituras diferenciadas.

Diante de todas as abordagens acima expostas, em diferentes épocas que propiciaram o entendimento do uso da fotografia (vantagens, limitações e complexidades) como documento histórico, afirmamos que estamos diante de fontes ricas em detalhes visuais, com as quais podemos enriquecer o ensino de história. O uso da fotografia pode proporcionar ainda, resultados satisfatórios perante fatos da nossa história, seja ela local, regional, ou mundial.

Nelas o fato individual ou coletivo pode ser assinalado com nuances da abordagem do professor de história frente ao conteúdo estudado não para legitimar o fato histórico, mas como complementaridade situada de espaço e tempo vivido por determinados grupos de sujeitos. Portanto, atrelar essa fonte ao ensino de história torna-se essencial, uma vez que, “o uso da fotografia pode favorecer o entendimento das mudanças e permanências, por intermédio de um estudo comparativo” (BITTENCOURT, 2008, p. 369).

Dessa forma, inserir as fotografias do acervo da COOPJUTA ao ensino de história local possibilitará aos estudantes parintinenses e do entorno do município obter conhecimentos de sua própria história, haja vista que se abre um leque de informações

ocultas, nas quais se permite ao mesmo reescrever a história a partir dessas fontes. Mas também, permite-nos sugerir aos professores de História que, ao trabalhar fotografias em sua didática é crucial que se faça perguntas como procedimento metodológico (BITTENCOURT, 2008). Conforme os seguintes passos:

Para o professor de História duas perguntas são essenciais para organizar estudos cujo suporte didático seja a fotografia: 1. Como selecionar as imagens fotográficas para um trabalho na sala de aula? 2. Como realizar a “leitura” de fotografias com os alunos? (BITTENCOURT, 2008, p, 368).

Para a autora esses dois caminhos investigativos são essenciais para despertar a concepção histórica dos estudantes a partir dessas fontes, depositando assim sobre as mesmas comunicações. Lembramos ainda que, a sua inserção como fonte documental no ensino de história, neste caso em particular se dá como forma de contribuição ao ensino da história local. E por fim, comunicamos que a presente pesquisa disponibilizou um acervo digital de todas as fotografias da COOPJUTA, para que professores possam fazer uso apropriado destas fontes por longos anos e contribuir para futuros trabalhos relacionados ao tema.

2. Dinâmica de trabalho e cotidiano na COOPJUTA: Benéficos e beneficiados da juta.

A inserção da juta no Estado do Amazonas se dá a partir da chegada dos colonos japoneses ao município de Vila Amazônia, por volta de 1934, depois de inúmeras tentativas e adaptação ao solo da região pelo agricultor Ryota Oyama, conhecido na época como “pai da juta” onde expandiu na região quantidades significativas de jutas, porém o plantio começou de fato a partir de 1939, no qual podemos observar nos dados do IFIBRAM (1978) elucidados em Pinto (2010).

Em 1934 o colono japonês Ryota Oyama obtém resultados satisfatórios no plantio da juta, com a produção em seu lote no Paraná do Ramos, no município de Parintins, Amazonas, de uma variedade adaptada geneticamente às nossas características, variedades essa denominada de juta branca ou “oyama”, e que veio a dar origem às variedades hoje exploradas em nossas zonas de produção. (IFIBRAM, 1978, p,04).

Por volta da década de 70 a malva espécie endêmica do estado do Pará começou a ser cultivada nas regiões de terra firme e várzeas do Estado do Amazonas, por ser similar a fibra de juta e extraída em ocorrências naturais, como uma alternativa à entressafra da juta. “O sistema de juta/malva no Estado do Amazonas teve um

desenvolvimento significativo devido ao fato de ter se tornado uma opção lucrativa no meio rural, onde é desenvolvido” (PAIVA, 2009, p, 3). “Este município é considerado a principal via de ligação entre capital paraense e as demais regiões do país, favorecendo o escoamento da produção dessa indústria” (SOUSA, 2008).

Com isso, a prática de cultivo da juta passou a ser um saber familiar no qual, inclui toda a família a produzir uma nova fonte de renda, uma vez que as plantações se davam tanto nas propriedades dos pequenos e médios agricultores japoneses e ribeirinhos da região do município de Parintins. Onde Torres (2005) elucida esse modo de subsistência do homem amazônico que se fundamenta de acordo com as práticas ofertadas pela natureza.

Os diferentes modos de realização da economia e da cultura no âmbito regional – isto é, as múltiplas formas de ocupabilidade existentes - são devido à combinação de estratégias tradicionais e emergentes voltadas para garantia da sobrevivência das populações amazônicas. (TORRES, 2005, p, 59).

Com isso a juta passa a ter bons resultados na Amazônia devido ao solo devidamente fertilizado das áreas de várzeas. A cidade de Parintins por volta da década de 60 passa por intenso fluxo migratório de famílias oriundas de regiões ribeirinhas a procura de melhorias de vida, isso derivou no crescimento populacional da cidade e principalmente no crescimento de áreas periféricas. A produção econômica nesse período se baseava nas atividades voltadas para as práticas agrícolas, pecuária, pesca e extração da juta, Souza (2013).

Nesse período teve como fundação a Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins Ltda, com sede no município de Parintins, localizada na Travessa Rio Branco, nº 122, Foro Jurídico na Comarca de Parintins, Amazonas, com área de ação para efeito de admissão de associados abrangendo os municípios de Parintins, Barreirinha, Urucará e Nhamundá, está arrecadava toda espécie de produtos agrícolas e pecuária, porém tendo como produto maior a juta, segundo os dados do Estatuto Social da Cooperativa (1988).

A princípio a Cooperativa passou por percalços até sua consolidação, no qual contou com investidores, canadenses, gaúchos e japoneses que designaram dinheiro para o amparo de produção, ou seja, a juta na época, de acordo com o depoimento do senhor Enéas Albuquerque⁴.

⁴Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Enéas Albuquerque Farias, 73 anos, casado, aposentado e ex-presidente da COOPJUTA, nos anos de 1985 a 1990 sob reeleição, em sua residência no dia 19/10/2017.

Foi assim, a cooperativa no início caiu em mãos de uma pessoa que não era muito responsável, aí então o primeiro dinheiro que vieram que os associados arranjaram, eles não souberam administrar, aí não confiaram mais neles. Depois que veio um canadense, dois gaúchos pra aí, aí eles ingrenaram, depois também entrou japonês também no meio, aí ela seguiu direito, porque o dinheiro só era designado para o amparo de produção. (ALBUQUERQUE⁵, 2017).

Souza (2013), afirma que a partir da primeira parte da década de 1970 a produção da juta se intensifica no município. É em meio a esse processo que produtores rurais se associam na Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins (COOPJUTA), como meio de assegurar sua produção. Sendo o amparo de produção um dos principais benefícios assegurados pela cooperativa, uma vez que o produtor já produz com a certeza que vai vender seu produto. “O benefício que o associado tinha era o amparo a produção, você produz já com a certeza que você vai colocar seu produto, não tem de dizer, ah não vai receber e tal, já vem seguro” (ALUQUERQUE⁶, 2017).

Outros benefícios também que merecem destaque são o seguro da safra, na qual a cooperativa arcava com as despesas oferecidas ao sócio durante a baixa produção e financiava o outro ano, o outro benefício se baseava ao cadastro ao sindicato rural, onde, a partir do momento que o produtor se associava na cooperativa, automaticamente ele se encaixava a categoria de produtor rural, garantindo sua aposentadoria.

A Cooperativa tinha como filosofia o amparo ao sócio, por mais que o sócio não obtivesse lucro na safra ou condições de suprir o financiamento outro sócio que estava em boas condições com a sua produção, ajudava e na safra do ano seguinte ele pagava esta ajuda. De acordo com o Estatuto Social da Cooperativa (1988), para se associar na mesma, era necessário ao agricultor:

Art. 3.º - Poderá se ingressar na Cooperativa, salvo se houver impossibilidade técnica de prestação de serviços, qualquer pessoa que se dedique a atividade agrícola, pecuária ou extrativista por conta própria, em imóvel de sua propriedade ou ocupado por processo legítimo, dentro da área de ação da Sociedade, que possa livremente dispor de si e de seus bens, que concorde com as disposições deste Estatuto e que não pratique outra atividade que possa prejudicar ou colidir com os interesses e objetivos da Cooperativa. (Estatuto Social da Cooperativa, 1988, p. 11).

⁵ Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Enéias Albuquerque Farias, Idem.

⁶ Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Enéias Albuquerque Farias, Idem.

Após sua efetivação como sócio o associado pagava uma espécie de mensalidade, na qual era denominada “cota parte”, que equivalia a um salário mínimo onde poderia ser pago em até 10 prestações dependendo da situação financeira do sócio. Ao cumprimento dessas normas estabelecidas pelo artigo, e após sua aprovação o associado passava a adquirir todos os direitos, obrigações e deveres que regem a Cooperativa.

O manuseio da fibra da juta desde sua plantação, colheita, desfibramento, secagem até a prensagem tratava-se de um trabalho bastante árduo, porém o mesmo não delimitava a presença de mulheres e crianças. Como forma de garantir o acréscimo da renda familiar, muitas mulheres acompanhavam seus esposos e com elas levavam seus filhos para ajudá-las de alguma forma, durante a extensa jornada de trabalho. Os trabalhos dentro da cooperativa delimitava em alguns pontos a presença de mulheres.

Ao observar os depoimentos de uma ex-sócia e o depoimentos do ex-presidente, pôde-se perceber nestes relatos como o machismo prevalecia dentro da cooperativa, uma vez que destes trabalhos os mais extensos e “pesados” dedicavam-se aos homens e para as mulheres cabia os ditos “leves”, porém, ao dialogar com a fonte percebemos que a mulher estava presente em todos os ambientes de trabalho quer seja pesado, quer seja leve, sua participação era constante. Porém, o machismo impregnado na sociedade não permite com que essas mulheres sejam vistas como protagonistas de sua própria história.



Foto: 2

Na presente imagem podemos observar a presença somente de mulheres nesse local de produção, dedicado à separação e enfardamento da fibra da juta na Cooperativa, em meio a essas atividades as mulheres dedicavam horas de seu dia a essa prática de trabalho. Não somente nesta atividade, mais também no desfibramento e plantação e até mesmo na negociação da fibra da juta a presença da figura feminina se fazia presente. Vale ressaltar que uma quantidade significativa dessas mulheres que trabalhavam na cooperativa não era sócia, porém contratadas para exercer este trabalho.

As crianças nesse período devido à carência educacional em muitas comunidades da região e da crise econômica que o país sofria, passavam a ajudar suas famílias na produção ou por não obterem alternativas perante a questão.

Dentre os benefícios adquiridos pelo associado, raro ou inexistente era os benefícios voltados para as mulheres contratadas, um fato observado no Estatuto da Cooperativa no qual muito nos chamou atenção, uma vez que a presença da figura feminina constantemente aparece nas fotografias analisadas. Somente após a criação da Cooperativa feminina sob direção da senhora Rita Cunha Farias⁷ atrelada a COOPJUTA que estas mulheres tiveram reconhecimento de seu trabalho no qual podiam demonstrar sua habilidades artesanais fabricando objetos a partir da fibra da juta.



Foto: 3
Acervo digital: COOPJUTA

⁷ Rita Cunha Farias, 63 anos, casada, ex-presidente da ASCOOF, (Associação Cooperativa Feminina da Coopjuta)

A presente imagem enfoca uma das atividades exercidas pelos homens dentro da cooperativa, uma vez que destes homens boa parte era morador da cidade de Parintins e outros imigrantes de cidades vizinhas ou de áreas ribeirinhas. Os sócios da Cooperativa optavam em não trabalhar dentro da mesma, porém nas suas áreas de produção, e também não almejavam cargos administrativos de acordo com esse trecho da entrevista do ex-presidente. “Os produtores da juta não queriam abrir mão da sua produção para trabalhar na cooperativa ou pra ajudar nós” (ALBUQUERQUE⁸, 2017).

De acordo com o ex-presidente da Cooperativa, esse é um dos fatores que contribuiu para o declínio da Cooperativa uma vez que, destes boa parte não tinha conhecimento do produto e outros eram políticos que visavam o benefício próprio.

Diante disso podemos observar que a Cooperativa teve seu papel crucial para o desenvolvimento de muitas famílias durante esse período analisado, como também com o município de Parintins. Mas o que podemos elucidar como resultado neste capítulo são os benefícios e beneficiados da Cooperativa. Como podemos observar de acordo com os dados do Estatuto da Cooperativa e com as falas analisadas do ex-presidente da mesma, nota-se que somente os homens eram assegurados pela mesma, ou algumas mulheres, pois observa-se que dentro da cooperativa trabalharam muitas mulheres contratadas para desenvolver algum trabalho, porém sem nenhum benefício assegurado. Nascimento (2005) elucidava um pouco desse processo de relação.

O mundo capitalista vive um momento crucial de elevado nível de reestruturação das relações de trabalho, as quais constituem a base do sistema de acumulação. Essa dinâmica remete, inequivocamente, para o pensar da estrutura empresarial que pressupõe mudanças na racionalidade do processo de trabalho. Operam-se mudanças nas relações de trabalho para além da aporia emprego/desemprego. As classes trabalhadoras são golpeadas no seu modo de ser, na sua identidade e nas formas de solidariedade entre seus membros. Está em curso uma tendência de inversão da cidadania ou de imposição de uma cidadania subalterna que atinge as classes trabalhadoras na sua construção ontológica. (NASCIMENTO, 2005, p, 52)

Diante desta citação do autor, podemos perceber o modo de desarticulação e desvalorização do trabalhador e da trabalhadora em relação ao sistema capitalista que se insere nos ambientes criados com a intenção solidária, onde aqueles se colocam em condições subalternas, aceitam uma condição de inferioridade em relação ao outro

⁸ Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Enéias Albuquerque Farias, Idem.

dentro do ambiente de trabalho. Desse contexto, outro fato nos chama a atenção durante os diálogos coletados para desenvolver esta pesquisa, foi à sequência de produção após a morte do sócio.

Neste caso as mulheres dos sócios juntamente com seus filhos davam sequência à produção para garantir o produto financiado pela cooperativa, mesmo que a mesma não fosse sócia, ela e seus filhos adquiriam a dívida do esposo. Por mais que este trabalho considerado insalubre e cheios de desafios muitas mulheres desafiaram sua própria resistência física e mental, assumindo esta como profissão na época, da mesma forma como muitas crianças cresceram juntamente com suas famílias em meio a fardos de juta e perigos dos beiradões.

3. O manuseio da juta na Cooperativa, uma compreensão da relação dos homens, mulheres e crianças nas fotografias da época.

O trabalho da juta na cidade de Parintins-AM, assim como em outras regiões cultivadoras não especificava apenas uma mão-de-obra apropriada, desta forma abrangia todo tipo de trabalhadores rurais e urbanos.

A COOPJUTA no ápice da produção da juta contou com significativo número de associados e trabalhadores rurais, destes homens e mulheres dedicavam-se a essa nova fonte de trabalho. Não tinha manual para o seu desenvolvimento, bastava saber manusear alguns instrumentos como facão, foice, inchada para o plantio e ter coragem para adentrar nas águas barrentas do rio Amazonas toda manhã para lavar a juta.

De acordo com os relatos contados por uma ex-sócia da Cooperativa existia dos modos de se referir aos sistemas trabalho na mesma. O primeiro dava-se o nome de “fora”, este era voltado para os trabalhos dedicados como abrir a juta, separação e secagem da fibra nos varais, o outro dava-se o nome de “dentro”, neste local era exercido trabalhos como, separação das fibras secas, fardamento, e prensagem de acordo com os relatos de dona Maria Soares⁹ que trabalhou nos dois modos de produção, ao qual de acordo com a mesma o trabalho fora era melhor para ela, pois, devido ao contato com a poeira da fibra dentro da Cooperativa adquiriu problemas respiratórios como sinusite e alergias a pó.

⁹Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Maria Soares de Souza, 89 anos, viúva, aposentada, ex-sócia e trabalhadora da COOPJUTA, no dia 15/11/2017 em sua residência.

Também relatado pela mesma foi o trabalho no “cabo” este se dava ao trabalho de tecer e amarrar a juta nos barracões e depois encaminhá-las ao fardamento, sendo uma das atividades exercidas por ela, porém em um determinado momento esta atividade passou a ser tarefa apenas dos homens, “no início pertencia às mulheres, porém com o passar dos tempos passou a ser uma atividade praticada somente pelos homens” (SOARES¹⁰, 2017).

Ao observar a fala da ex-sócia neste momento, podemos comparar com a fala do ex-presidente anteriormente onde cita que, o trabalho na cooperativa era extremamente machista com pouca participação das mulheres. Analisando essas falas podemos observá-la em Torres, (2005) ao se referir ao modo como as mulheres lidavam com esse tipo de violência psicológica diariamente.

Um dos tipos de violência praticados contra a mulher é aquele que possui uma carga psicológica que envolve o ser da mulher, a qual passa a conviver cotidianamente com um sistema de noções e idéias que deprecia sua imagem diante da sociedade, exercendo sobre si uma opressão específica e particular. (TORRES, 2005, P. 85).

As mulheres trabalhadoras da Cooperativa não deixaram de questionar seus direitos, tendo como resultado a criação de uma Cooperativa voltada somente para elas, onde seus trabalhos tornaram-se reconhecidos.



Foto: 4

¹⁰ Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Maria Soares de Souza, Idem.

Nesta imagem podemos observar a figura de uma mulher no trabalho do cabo citado por dona Maria Soares¹¹ e pelo ex-presidente Enéias Albuquerque¹² ao citar a presença das mulheres nos barracões e varais de juta no qual a presença das mulheres era maciça, devido muitas dessas mulheres serem contratadas para exercerem apenas esse trabalho.

Mas a jornada de trabalho contínuo não privava essas trabalhadoras de manterem outras relações, algumas aproveitavam esse tempo para descontraírem, contar suas histórias, desavenças, seus problemas familiares, conjugais e amorosos, da mesma forma com os homens, o trabalho na Cooperativa assim como em qualquer outro ambiente permitia a esses trabalhadores momentos de sociabilidade.



Foto: 5
Acervo digital: Coopjuta

Na imagem seguinte podemos observar a presença de homens no trabalho do cabo afirmando a fala da ex-sócia, onde este era apenas um dos afazeres no quais homens e mulheres desenvolviam juntos, porém aos poucos os homens foram se tornando majoritários nesse método de produção da juta.

¹¹ Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Maria Soares de Souza, Idem.

¹² Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Maria Soares de Souza, Idem.

Porém a COOPJUTA não se tratava apenas de investimento a produção do setor primário, existia também seu lado social, este era voltado para os momentos de descontração dos sócios e trabalhadores da Cooperativa, geralmente aconteciam após as assembleias, nestas eram computadas a produção de cada sócio e dos investimentos para a próxima safra.

Para que se realizasse uma assembleia todos os sócios eram notificados com todas as informações necessárias para que os mesmos estivessem presentes no dia, geralmente eram comunicados duas ou três semanas antes do ocorrido ou ao final do mês, quando rotineiramente vinham para a cidade trazer sua produção bruta e ao final a confraternização com todos. Vale ressaltar que exista na Cooperativa duas espécies de assembleias, a Ordinária e a Extraordinária, onde a Ordinária acontecia uma vez em cada mês, para a prestação de contas da Cooperativa e da produção do sócio e a Extraordinária acontecia até duas vezes, esta era voltada para compra ou venda de bens da Cooperativa.

Uma grandiosa festa era oferecida aos sócios, com direito a desfrutarem de comidas e bebidas, levavam seus filhos, maridos e esposas, era o momento no qual descreve a ex-sócia, ser de muita felicidade dentre eles.

Não tinha um sócio ou trabalhador que perdia esse momento, era muito legal, todo mundo se divertia, quem gostava de dançar aproveitava, o pessoal gostava muito quando chegava o dia das assembleias era feita uma churrascada, com direito a bebida e tudo mais, quem tinha família levava todo mundo. (SOARES¹³, 2017).

Esses momentos de descontração dos trabalhadores serviam como oportunidades para fortalecerem seus laços de amizade e profissionalismo, como também serviam para conferir os investimentos feitos pela cooperativa ou venda de bens.

¹³ Entrevista concedida a Jaciara dos Santos da Silva por Maria Soares de Sousa, Idem.



Foto: 6
Acervo digital: Coopjuta

Nesta imagem podemos observar partes desses momentos, no qual podemos perceber a presença de mulheres, crianças e homens em um só ambiente, comemorando o final de mais uma safra.

As mulheres nesse contexto lutavam pelo reconhecimento de seus trabalhos, por mais que se tentou negar sua participação nesse processo, elas estão evidentes nas fotografias da Cooperativa e a partir destas podendo comprovar suas falas como protagonistas da história e não apenas como coadjuvantes, ou ajudantes de seus esposos e filhos como se possam imaginar, estas fizeram desta prática seu sustento e buscaram seu reconhecimento como tal. Uma vez que para estas mulheres obter a autonomia financeira se tornava uma condição de reconhecimento da própria sociedade.

O trabalho para as mulheres é um fator de reconhecimento delas por parte da comunidade, é uma espécie de “troféu” que elas recebem, embora sejam vistas como coadjuvante do marido. O aspecto social do trabalho das mulheres rurais na Amazônia sustenta-se numa ética de partilha, solidariedade e relações com a natureza que prescindem das determinações derivadas das grandezas socialmente estabelecidas, quer seja no âmbito do lucro, e da renda da terra, quer seja no aspecto do salário ou de outros tipos de troca econômica. (TORRES, 2012, p. 199-200).

A partir desta fala da autora, percebemos que a mulher amazônica não se deixou abater com as críticas sobre seu posicionamento ao tomar o trabalho da juta como

profissão, e principalmente percebe-se sua resistência em buscar reconhecimentos sobre o sexo oposto. Os homens como maioria tanto como sócios quanto trabalhadores contratados da cooperativa alcançavam sempre os maiores postos e a quantidade de investimentos. As crianças nesse processo de transição econômica e social, por mais que de acordo com Estatuto da Criança e do Adolescente seu lugar seria na escola, muitas se faziam presente nos beiradões ajudando seus pais nos trabalhos da juta ou complementando a renda com outras atividades do setor primário ou até mesmo suprindo a falta dos pais dentro de casa, assumindo seus postos na pesca, caça e atividades do dia-a-dia. Sua presença dentro da Cooperativa como podemos observar não se via, pois está era dedicada apenas a homens e mulheres com idade apropriada para o trabalho, porém nas áreas de produção muda-se esse discurso, ao ser observado sua presença nos campos de produção.

O que pretendemos elucidar neste capítulo são as relações sociais e afetivas que ocorreram dentro e fora da Cooperativa de acordo com as fotografias da época durante seu pico de atividades, onde elucida o camponês, o lavrador, o pobre, a mulher, o homem ribeirinho, o curumim da Amazônia, que juntos trabalharam em prol de sua estabilidade econômica e social, no qual para o historiador a seguir esses viveram um período que jamais viveremos.

Estou procurando resgatar o pobre descalço o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual e “absoluto”, o artesão “utopista” a até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se retrograda. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesse período de extrema perturbação social e nós, não. (THOMPSON, 1965, p. 12-13)

A juta proporcionou sim, momentos satisfatórios para seu produtor, para quem comercializava e para quem fazia dela seu sustento, contudo ela também deixou como legado marcas da época do ouro verde na Amazônia, marcas essas que podem ser evidenciadas nos patrimônios históricos, fotografias, nas histórias das famílias que se dedicaram a ela, e nas sequelas refletidas na saúde do ribeirinho. Como no caso da ex-sócia citada aqui, ao adquirir problemas respiratórios, e do ex-presidente ao se lembrar dos danos sofridos após sua saída do cargo de presidente da Cooperativa, da sua esposa que também carrega em sua memória frustrações e alegrias. O trabalho com a juta tratava-se de um meio de sobrevivência que oferecia ao juticultor bastantes riscos.

Sendo um trabalho muito precário, o juticultor vivia sob ameaça de doenças como a malária, o róí róí (uma espécie de micose que aparece entre os dedos dos pés) e também de animais como araias, sangue sugas, jacarés, dentre outros, pois a maior parte do trabalho era executada com uma parte dentro da água, causando, em muitos casos, reumatismos e outras doenças decorrentes deste modo de cultivo. (HOMMA, 2010).

A Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins (COOPJUTA), desde sua criação perpassando por altos e baixos até chegar ao seu ápice de produção, contou com a participação de muitos colaboradores e produtores rurais, hoje a juta se tornou um produto inexistente no setor primário devido à falta de investimentos, de produtores que se deslocaram para outras atividades e pela mudança do próprio meio ambiente, pois, devido à retirada da mata ciliar das margens do rio Amazonas, comunidades ribeirinhas hoje sofrem as conseqüências desse período com terras caídas, escassez de alimentos, abandono por parte dos próprios moradores e entre outros fatores.

Atualmente a Cooperativa permanece funcionando, porém com boa parte do prédio cedido a Associação Cultural boi-bumbá Caprichoso¹⁴ a outra destinada para a área administrativa da cooperativa, seu galpão destinado para armazenamento de produtos como, juta, feijão, farinha, milho e outros, hoje encontra-se como depósito de materiais sem serventia da própria Cooperativa, ou é cedido no período do carnaval para blocos carnavalescos da cidade e uma pequena área cedida para a feira do produtor rural comercializarem seus produtos. O prédio nas áreas pertencentes à cooperativa encontra-se com suas estruturas precárias, sem pintura, iluminação, sujeiras e rachaduras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos observar no decorrer da pesquisa, é que a Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins, contribuiu durante seu ápice de produção para o desenvolvimento de famílias de sócios e de trabalhadores contratados e principalmente para o desenvolvimento econômico do município de Parintins à época. Da mesma forma como esta cooperou durante esse processo de transição econômica para fortalecer laços

¹⁴Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso, é um dos bumbas da cidade de Parintins nas cores azul e branca, que disputa no mês de junho com seu rival o Festival Folclórico da cidade, sendo essa brincadeira a cultura da cidade.

de amizades entre seus sócios e colaboradores, que fizeram do espaço da cooperativa ser também sua segunda casa.

As fotografias utilizadas nessa pesquisa, assim como as que estão no acervo digital da cooperativa contribuem tanto para o desenvolvimento de outros trabalhos, como também permitem professores e alunos a obter conhecimentos da sua própria história local, haja vista que o ensino de história carrega em si a responsabilidade de formar cidadãos conhecedores de sua cultura, identidade, memória e costumes.

Portanto as relações existentes dentro da cooperativa durante esse período não se limitou apenas ao espaço da cooperativa, mais expandiu-se para além dela, foi em meio a essas relações que também se constitui e fortaleceu grupos políticos, grupos religiosos, frentes operarias e a migração de famílias ribeirinhas para o município de Parintins. Contudo, o trabalho na juta além de colaborar com o desenvolvimento do município de Parintins e de famílias que dela fizeram parte, também colaborou para a modificação das margens do rio Amazonas, de modo que, com a retirada da mata ciliar houve degradação em longo prazo refletindo atualmente nessas comunidades das margens do rio Amazonas. Hoje a Cooperativa encontra-se em decadência de produtos, funcionando com a participação de pouquíssimos sócios e trabalhadores, seus patrimônios devido suas dívidas acumuladas ao longo do tempo, passou a pertencer ao banco como penhora, mas a sua criação e desenvolvimento deixa como legado a história de um ambiente que carrega sobre si, frações da história da Cidade de Parintins.

FONTES PRIMÁRIAS

ACERVO DIGITAL DE FOTOGRAFIAS DA COOPJUTA

FONTES ORAIS

Enéias Albuquerque Farias, 73 anos, casado, aposentado e ex-presidente da COOPJUTA, nos anos de 1985 a 1990, entrevista concedida e realizada em sua residência no dia 19/10/2017.

Maria Soares de Souza, 89 anos, viúva, aposentada, ex-sócia e trabalhadora da COOPJUTA, entrevista concedida no dia 15/11/2017 realizada em sua residência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos/** Circe Maria Fernandes Bittencourt – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008 – (coleção docência em formação. Série ensino fundamental/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e ejercicios.** 7 Ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativas: tempo, memória e identidades.** VI Encontro Nacional de História Oral {ABHO} – Conferência de abertura, 2003.

DIAS, Ana Isabel Sousa. **A fotografia no Ensino de História.** 2º ciclo de Estudos em Ensino de História e Geografia no 3º. Ciclo do EB e ES. Universidade do Porto, 2012.

ESTATUTO SOCIAL DA COOPERATIVA, Manaus (AM), 1988.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo.** Brasília: Plano editora, 2003.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Apresentação. In: WITKOSKI, Antônio Carlos, et al. (Org) **A cultura da juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental;** São Paulo. Annablume, 2010.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa.** In: DESLANDES, S. F; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade.** 26 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. P. 79-108.

KOSSOY, Boris, 1941- **Fotografia & História/** Boris Kossoy. – 2. Ed. rev. - São Paulo, Ateliê editorial, 2001.

LEGOFF, Jacques, 1924. **História e memória/** Jacques Le Goff: tradução Bernardo Leitão... [et AL.] – Campinas, SP.Editora da UNICAMP, 1990.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o Passado.** Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

NASCIMENTO, Celso Augusto do. **O cooperativismo popular como forma de inserção econômica.** In: Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Ano, 1, n. 1(2000 -). – Manaus: Edus/ Caps, 2000-. 2005.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: Fotografia e História Interfaces.** Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 73-89.

MONTEIRO, Charles. **A construção das imagens dos “outros” sujeitos urbanos na elaboração da nova visualidade urbana de Porto Alegre nos anos de 1950.** Urbana, 2007, ano, 2, n. 2, p. 1-21.

PAIVA, Alciane Matos de. **AGRICULUTA CAMPONESA: no contexto da produção de juta e malva na várzea do estado do Amazonas.** Universidade Federal do Amazonas, 2009.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. **Cronologia da cultura da juta e/ou malva no Amazonas.** In: WITKOSKI, Antônio Carlos, et al. (Org) **A cultura da juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental;** São Paulo. Annablume, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História oral diferente*.** Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1977.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino de história/** organizadores: Maria Auxiliadora Schimidt, Isabel Barca, Estevão de Resende Martins – Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **Processo de Urbanização da cidade de Parintins(AM): Evolução e Transformação.** São Paulo, 2013.

SOUZA, Narda Margareth Carvalho Gomes. **Indústria e desenvolvimento na região Bragantina: o caso da Companhia Têxtil de Castanhal – CTC.** SEMINÁRIO INTERNACIONAL – AMAZÔNIA E FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO – NAEA – 35 ANOS. UFPA, 2008.

THOMPSON, E, P.: **The Making of teh English Working Class,** Londres, 1965.

TORRES, Iraildes Caldas. **As Novas Amazônidas.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

TORRES, Iraildes Caldas. **Noções de trabalho e trabalhadores na Amazônia:** In Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano, 1, n. 1(2000 -), - Manaus: Edua/Capes, 2000-. 2005.

———. **Reflexões sobre trabalho leve e pesado das mulheres da Amazônia.** In: TORRES, Iraildes Caldas. et al (Org) **O ethos das mulheres da floresta.** Manaus. Manaus. Editora Valer, 2012.

E. P. Thompson e as Contribuições para a História Social e os Estudos Sobre Escravidão: Eleonora Félix da Silva; Eleonora.felix@hotmail.com

Entrevistas:

- **1ª Entrevista**

Entrevista do dia 15/10/2017, realizada com o senhor Enéias Albuquerque Farias, casado, 73 anos, aposentado e ex-presidente da Coopjuta (Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins) nos anos de 1985 a 90.

Eu: A entrevista ocorreu no final da tarde ao anoitecer na cozinha da casa do entrevistado, me apresentei no primeiro momento, boa tarde, me chamo Jaciara dos Santos da Silva, sou acadêmica do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, o objetivo que me trouxe até sua casa foi meu TCC, (Trabalho de Conclusão de Curso), onde trabalho com o tema: Homens, mulheres e crianças na Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins: Dos registros fotográficos dos anos de 1970 a 1980, aos depoimentos dessa relação. E meu trabalho utiliza como um dos métodos para elaboração dessa pesquisa a História Oral, então estou entrevistando pessoas que se associaram na cooperativa ou que trabalharam nela durante esse momento. E fui informada sobre o senhor, então o senhor poderia conceder a entrevista?

Entrevistado: Sim, posso ajudar você, o que deseja saber sobre a cooperativa?

Eu: Fale um pouco como se fazia para se associar na cooperativa e quais os benefícios oferecidos pela mesma.

Entrevistado: Na época a cooperativa contava com todo tipo de produto rural, feijão, farinha, gado, milho, banana e guaraná, mas o produto maior era a juta, que a gente chamava de grosso. Pra se associar tinha que se inscrever, e se enquadrar como produtor rural, também tinha que comprovar a terra no nome da pessoa, se não tiver tem que comprovar que é arrendatário e mostre que seja produtor, se ele passar ele se tornava sócio, tinha uma espécie de seleção. Mas se ele passar ele tem que pagar alguma coisa pra poder ele se associar, por que a cooperativa tinha um investimento quando entrava novos sócios, o registro dela, preparar a papelada e ir até o terreno do produtor pra confirmar a terra. Então a cooperativa tinha digamos, uma taxa chamada (quota-parte) era no valor de um salário mínimo, quando o sócio não podia pagar tudo só de uma vez ele parcelava no máximo em 10 parcelas e pagava todo ano, por isso que dizem era uma taxa e mais 1% do valor da produção dele, o que valia era o dinheiro se ele tiver dinheiro dentro pra investir era melhor ainda. O benefício também era o amparo a produção, você produz com certeza que você vai colocar sua produção, não tem de dizer ah não vai vender e tal, era assegurado pela cooperativa, outro benefício também era o seguro da safra, se desse algum problema na safra, uma intempérie, uma enchente grande, a cooperativa arcava com aquela despesa que foi investida pro sócio o presidente ia pra lá e buscava recursos pra ajudar, aí ele paga o valor menor e a cooperativa buscava recursos pra financiar a próxima safra, o outro também era voltado pra aposentadoria, quando se tornava sócio automaticamente ele passa a ser registrado como produtor rural pelo sindicato, então o benefício era o aposento na categoria de

produtor rural que era organizada, por que a cooperativa era organizada e já contribuía então o sócio pra se aposentar já evitava problemas.

Eu: Comente sobre as assembléias, como ocorriam e qual era a participação dos sócios.

Entrevistado: Tinha duas espécies, a assembléia ordinária e a assembléia extraordinária, o quer dizer a ordinária, era aquela que prestava conta com os associados por ano, uma só, mudança de diretoria ou qualquer coisa que acontece por ano, ou vender alguma coisa, só pode vender se for autorizado pela assembléia, era feita uma pergunta se por acaso fosse vender alguma coisa ou bem da cooperativa e a decisão era de acordo com a quantidade de pessoas que se levantavam contra ou a favor era assim, agora a extraordinária é aquela que era voltada pra investimentos pra cooperativa, tipo empréstimos no banco, quem era de acordo com o empréstimo no banco, todos eram a favor, por que pra dinheiro não tem ninguém que vá contra (risos), era assim, pode ser até duas por mês. A maioria dos sócios era homem, mulheres só algumas, na maioria era mulher de sócio mesmo, mas assim nas assembléias poucas iam e tinham o poder de participar, só participava quem era sócia se não fosse não participava. No final de cada assembléia tinha uma festa, a gente comemorava o sucesso da safra.

Eu: Como era a relação dos homens, mulheres e crianças dentro da cooperativa?

Entrevistado: Era muito machista, logo no começo a participação da mulher era bastante excluída, tanto é que o salário dela era bem menor que o do homem, depois que mudou a legislação que se inseriu mulheres e jovens dentro da cooperativa, mas a relação dos trabalhos lá dentro era bem machista. Elas só tiveram uma participação maior, quando foi feita a cooperativa feminina, quando as mulheradas exigiram seus direitos dentro da cooperativa aí foi feita, aí elas trabalhavam com produtos artesanais e domésticos. Nas atividades dentro da Coopjuta mesmo era bem pequena, não tinha uma preocupação para o aposento da mulher, lá onde está o Caprichoso hoje tudo era cooperativa feminina, na parte de secagem da juta trabalhava muita mulher, não associada, mas contratada pra trabalharem lá.

Eu: O senhor ainda freqüenta a cooperativa?

Entrevistado: Não, me expulsaram de lá, (respiração ofegante) eles me tiraram de lá a forças me acusaram de algo que eu não fiz, e então eu procurei meus direitos na justiça e ganhei à primeira instancia ainda estamos pela justiça, mas não freqüento lá desde quando me tiraram de lá, não sei nem quem está hoje na administração de lá (risos).

Eu: Em sua opinião o que levou a cooperativa a seu declínio?

Entrevistado: O primeiro fator foi à falta do produto grosso, (juta) e o segundo é a má administração da cooperativa, foi incluído políticos lá dentro que não conheciam nem a juta, quanto mais o sistema de produção, produtor mesmo que não tinha interesse de trabalhar lá dentro, por que quem era produtor não saía da área de produção pra ajudar nós dentro da cooperativa, então eu não ponho culpa nessas pessoas eu digo que quem foi culpado foi os próprios associados, e tem dinheiro de muita gente investido lá.

Cooperativa nenhuma tem que colocar político dentro da sua administração, porque o que eles vão fazer lá dentro é só politicagem e não trabalhar pelos interesses da cooperativa foi isso, ela ficou nas mãos de quem não sabia administrar e deu nisso.

Eu: Então terminamos aqui nossa entrevista, muito obrigada pela disposição em nos ajudar.

Entrevistado: Eu que agradeço por ter me dado o privilégio em contar um pouco da minha história de vida dentro da cooperativa, local onde me dediquei por anos, não só eu como também minha esposa que também trabalhou na cooperativa e foi presidente da cooperativa feminina. Mas uma vez eu agradeço pela oportunidade.

- **2ª Entrevista**

Entrevista dia 15/11/2017, realizada com Maria Soares de Souza, 89 anos, viúva, aposentada, ex-sócia e trabalhadora contratada da Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins.

Eu: A entrevista foi realizada na varanda da casa da entrevistada sob sua autorização oral perante os filhos, pois a falta de visão não lhe possibilitou a assinar a carta de aceite. Apresentei-me, boa tarde me chamo Jaciara dos Santos da Silva, sou acadêmica do curso de História pela Universidade do Estado do Amazonas, o objetivo que me trouxe até sua casa foi meu TCC, (Trabalho de Conclusão de Curso), onde trabalho com o tema: “Homens, mulheres e crianças na Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins: Dos registros fotográficos dos anos de 1970 a 1980, aos depoimentos dessa relação”. E meu trabalho utiliza como um dos métodos para elaboração dessa pesquisa a História Oral, então estou entrevistando pessoas que se associaram na cooperativa ou que trabalharam nela durante esse momento. E fui informada que a senhora trabalhou na Cooperativa e que também foi sócia. A senhora poderia me conceder uma entrevista?

Entrevistada: Sim minha filha, o que você quer saber?

Eu: A senhora foi sócia da Cooperativa por quanto tempo?

Entrevistada: Eu fui sócia na Cooperativa por longos anos quando eu trabalhava no interior, quando eu tinha terreno lá, eu baixava todo final de semana e trazia a mercadoria, aí o que não desse pra vender eles ficavam com a mercadoria e me repassavam no outro final de semana o valor vendido. Uma senhora amiga minha me convidou pra me associar lá, por que eu baixava todo final de semana de canoa trazendo minha mercadoria e as vezes eu nem vendia tudo, aí eu fui lá e me associei, eu tinha o terreno que era exigido e o produto pra negociar aí eu entrei. Mas assim eu era sócia por

que eu tinha o crédito lá.

Eu: A senhora era sócia, mais também foi trabalhadora contratada, como isso aconteceu?

Entrevistada: Pois é, quando eu morava no meu interior lá no Andirá, meu terreno era muito grande dava pra plantar de tudo, vixe minha filha era muito farto, durante esse tempo eu era sócia né! O que aconteceu, ia entrar uma colônia lá perto, só que era uma cabeceira adiante do meu terreno, aí o Loreano um senhor lá do interior me orientou que era pra eu gente pagar um pessoal que ia demarcar o nosso terreno, só que eu estava sem dinheiro e era no valor de um capado grande, só que eu não lembrava que eu tinha dois capados grandes, aí ele me cantou muito, perguntei pro meu marido, naquele tempo ele ainda era vivo, o que ele achava disso, e ele me falou que o que eu resolvesse tava feito, aí o que aconteceu, eu não paguei pra demarcar o terreno e quando a colônia veio e a cerca passava no quintal de casa, eu fiquei sem espaço pra plantar e criar meus bichos. Aí não tinha, mas o que fazer, não tinha mais mato pra plantar nada, aí eu me desgostei, não, mas com que trabalhar e vim embora como já tinha uma filha morando na cidade eu vendi o que me restou lá, e vim embora pra cidade também, morar na casa de uma prima minha. Aí eu fui na Cooperativa, falei com o presidente o que aconteceu aí ele me disse que o que ele podia fazer por mim era me dá um emprego lá dentro da, por que eu não tinha mas terreno e deixa de ser sócia. Foi assim que eu entrei lá em 1975 pra trabalhar e era trabalho minha filha, não era enrolação como faz esse pessoal hoje.

Eu: Comente como era a relação de trabalho na Cooperativa.

Entrevistada: Ah o trabalho lá na Cooperativa era muito legal, eu conheci, muita gente lá dentro, a gente ia pra lá sabendo que trabalho não ia faltar, era muita gente e muito trabalho também. Assim quem era de uma área era só daquela área, quem era de outro era só daquela mesmo, meu trabalho era na juta diária eu pegava sacudia, abria juta pra secar e separar, depois eu fui trabalhar lá fora mesmo no cabo, mas eu não fiquei só nesses aí não. Eu também cheguei a trabalhar lá dentro no fardamento, mas eu adoeci, eu fiquei com sinusite e me dava falta de ar, eu não sabia né, pensava até que era frescura mesmo, depois que eu fui fazer exame que o médico me disse que era alergia do pó que a juta soltava e também sinusite. Aí eu tive que saí de lá e ficar lá fora, mas eu não demorei muito tempo lá, por que os homens não demoraram muito, logo tomaram nosso trabalho no cabo, aí eu fiquei só pra tratar a juta no varal, depois de seis meses eu saí da cooperativa e fui trabalhar lá com o japonês na francesa.

Eu: A senhora de acordo com o período que a senhora trabalhou na Cooperativa, sofreu alguma discriminação por ser mulher?

Entrevistada: Olha, nós mulher nesse período tinha que aceitar muita coisa, tinha que fazer tudo como mandava as regras, até por que a maioria lá dentro era homem, tinha muita mulher, mas a maioria era homem, as mulheres que trabalhavam quase não tinha o poder de cobrar e quando cobrava nem era ouvida, era o que eles mandavam a gente fazia.

Eu: A senhora nesse período que foi sócia, participou de alguma assembléia?

Entrevistada: Eu participei sim, era muito legal por que eles explicavam tudo o que entrava e saía da Cooperativa, mas era só mesmo uma vez por mês, aí no final da assembleia tinha uma grande festa que eles faziam quem gostava de dançar, de fazer aquelas mizuras aproveitavam esse dia, todo mundo ia, não tinha ninguém que perdia esse dia, todos que eram sócios e que trabalhavam lá dentro levavam toda família, era mulher, criança, homem tudo junto, nesse dia, não tinha melhor nem pior, todo mundo tava lá.

Eu: Esse período da juta, em sua opinião, lhe ajudou financeiramente e socialmente?

Entrevistada: Pra falar a verdade, de certo modo ajudou sim, no tempo que eu trabalhei no interior como sócia, agora quando eu passei a morar na cidade e trabalhar na Cooperativa mesmo, me ajudou bem pouco, por causa do meu problema de saúde, mas teve gente que eu conheci que se fez nesse tempo, comprou casa, terreno, vivia bem, por que a juta pra quem sabe trabalhar direitinho com ela, só tem a ter lucro, por que a Cooperativa dava essa oportunidade pro sócio, só que com o tempo não sei o que aconteceu foi se acabando a juta e a cooperativa também, hoje ela ainda continua lá, mas sem sócio quase, se tem deve ser bem pouco, por que a maioria procurou outro modo de viver. Agora no social me ajudou sim, eu conheci muita gente, fiz muitas amizades nesse período, até hoje tenho colegas desse tempo. Hoje a gente não se fala mais por que a idade não permite mas ta andando na rua, mas quando podia sempre encontrava algumas pela rua.

Eu: A senhora hoje é aposentada pelo benefício que a Cooperativa dava ao sócio como produtor rural?

Entrevistada: Não, por que eu pensava que eles não iam me dá esse direito, mas foi tolice minha mesmo, eu sou aposentada sim, as não por lá.

Eu: A senhora quando viu essas imagens que eu lhe mostrei o que a senhora sentiu?

Entrevistada: Deu até vontade chorar, esse tempo foi muito bom, como te disse era muito legal, me lembrei do meu terreno no Andirá, da minha plantação, dos meus bichos, do meu marido, do tempo que eu vim pra cidade morar, sabe eu me lembro de muita coisa, mas as vezes eu me esqueço, e quando eu vi essas fotos parece que eu foi ontem (risos), era tão bom.

Eu: Então dona Maria terminamos por aqui a nossa entrevista, queria lhe agradecer por me permitir a conhecer um pouco sua história, muito obrigada.

Entrevistada: Eu que te agradeço minha filha, por ta aqui na minha casa e escutar minha história, espero que te ajude no teu trabalho e foi muito bom relembrar esse tempo contigo e vê essas fotos que você trouxe me lembrou muita coisa, obrigada.